

Mudança cristalizada

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

A diretora-sênior da Área de Risco Soberano da Fitch Ratings, Shelly Shetty, está convencida de que, qualquer que seja o vencedor nas eleições presidenciais de 2010, a política econômica que levou o Brasil ao grau de investimento será mantida. Em teleconferência com jornalistas de todo o mundo, ela afirmou que a condução da economia brasileira tem sido regida pelo pragmatismo e independe de pessoas, pois o tripé sob o qual se sustenta — câmbio flutuante, metas de inflação e superávit primário — já está institucionalizado.

Apesar dos elogios ao país e ao presidente Lula, que, segundo ela, está agindo com sensatez, Shetty cobrou empenho maior do governo para aprovar as reformas, cujos projetos vêm caminhando em ritmo “glacial”. Para ela, é fundamental que a reforma tributária em análise pelo Congresso seja aprovada neste ou no próximo ano, pois dará mais dinamismo à economia do país. A seu ver, se o governo conseguisse também retirar do papel as reformas trabalhista e previdenciária,

Paulo Whitaker/Reuters - 20/3/08



OPERADORES NEGOCIAM NA BM&F: JUROS FUTUROS FICAM ESTÁVEIS

o crescimento potencial do Produto Interno Bruto (PIB) aumentaria consideravelmente, saindo dos atuais 4,5% para algo mais perto de 6%, como verificado entre os países com a mesma classificação de risco do Brasil (BBB-).

Shetty também cobrou ações concretas do governo para reduzir o endividamento do país. No seu entender, uma relação entre a dívida e o PIB acima de 40% — agora, está em 41% — é elevada demais. A resposta à analista veio logo no início da tarde. O ministro

da Fazenda, Guido Mantega, disse que o governo decidiu criar uma poupança fiscal de 0,5% do PIB (cerca de R\$ 13 bilhões) para compor o que chama de Fundo Soberano do Brasil. Com esse dinheiro, que ficará em uma espécie de “cofrinho”, espera-se que a relação entre a dívida e o PIB caia mais rápido, para próximo de 38% em 2009.

Com o grau de investimento concedido pela Fitch, o segundo em menos de um mês, já que, em 30 de abril, a mesma chancela de

porto seguro para o capital foi dada pela Standard & Poor's, a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) encerrou maio com alta de 6,96%. Apenas ontem, avançou 1,11%, cravando os 72.593 pontos, com movimento financeiro de R\$ 8,45 bilhões. O ânimo da bolsa paulista foi motivado pela perspectiva de mais investidores estrangeiros virem para o Brasil. O presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, explicou que, ao obter o selo de qualidade de duas agências de risco, o país entrou no radar de capitais de longo prazo que estavam impedidos de entrar aqui. Estima-se que o total de investidores ativos no Brasil pode passar dos atuais US\$ 220 bilhões para US\$ 380 bilhões.

Diante dessa previsão, o dólar despencou. Encerrou a sexta-feira valendo R\$ 1,628 para venda, com baixa de 0,55%. Foi a menor cotação desde 20 de janeiro de 1999, quando era cotado a R\$ 1,570. No mês, o dólar recuou 2%. O grau de investimento conteve o ímpeto de alta das taxas de juros na Bolsa de Mercadorias e de Futuros (BM&F). Nos contratos com vencimento em janeiro de 2009, a taxa ficou estável em 13,06%.